

HISTOLOGIA DO APARELHO DENTÁRIO DA LAGARTIXA

Hardy Ebling
Catedrático de Histologia

SINOPSE.

O autor estudou dentes de lagartixa, in situ, animal polifiodonto e de dentes anquilosados, procurando comparar com o humano.

INTRODUÇÃO.

O estudo de dentes de animais das mais diversas espécies tem contribuído para compreender o dente humano, quer no seu fisiologismo, quer no seu patologismo.

O animal estudado, a lagartixa, é um polifiodonto, isto é, apresenta um número indefinido de «dentições». Este tipo de dente «é o mais eficiente, pois a perda de um dente por acidente ou injúria, é substituído por um nôvo dente a qualquer tempo da vida». (2).

Outra diferença com o humano, é o tipo de união dente-osso, que neste caso dá-se por anquilóse.

MATERIAL E MÉTODOS.

O material foi fixado em formol a 10%, seguindo a seguir o método II de Powers (3), até obtenção dos cortes. Coloração por Hem. Harris e eosina alcoólica.

O material foi incluído de modo a obter-se cortes frontais e sagitais de cabeças.

OBSERVAÇÕES E DISCUSSÃO

Paradêncio de Proteção:

No limite entre gengivas livre e gengiva aderente existe um sulco, maior do que o humano. A vertente

Os animais foram caçados pelo Dr. Onofre Quadros.
O trabalho fotográfico foi feito pelo Dr. Aron Kac.
Agradeço a ambos.

livre é mais espessa do que a dentária. A aderência epitelial apresenta cêrca de nove camadas de células: A profundidade que atinge a aderência epitelial, varia conforme se considere o lado bucal ou vestibular. (Fig. 1 e 2). A lingual é mais espessa, mais profunda, sofrendo a altura do terço apical, uma bifurcação, dando ao conjunto nesta região, o aspecto de Y invertido, (Fig. 3).

A lâmina epitelial formada pela bifurcação descrita, é a lâmina dentária persistente, responsável pela formação de parte do dente de substituição, pelo seguinte dente de substituição e assim sucessivamente, até a morte do animal. Esta lâmina dentária persistente é menos espessa (Fig. 4) mais profunda e está colocada lingualmente, sofrendo um aumento de diâmetro na sua parte apical, terminando em aspecto variável, conforme o estágio de desenvolvimento. Quando o dente está em função — e esta é a fase mais longa — a lâmina termina-se em bordo periforme.

Sua extremidade apical sofre discreta torção em sentido vestibular, dirigindo-se ao osso, sem atingi-lo. Dependendo da cronologia do processo pode haver o início da formação de um nicho, onde se alojará provisoriamente o dente durante parte de sua formação, ou estar o nicho já formado e parcialmente ocupado. Este nicho forma-se por reabsorções e neoformações, predominando as primeiras, da mesma maneira do que no homem. A reabsorção inicia-se lingualmente e não

na linha de união cimento-osso, mas pouco afastado do ápice. (Fig. 4).

«A lâmina dentária que no homem atrofia após o processo do desenvolvimento dentário, continua crescendo lingualmente durante a vida da criatura polifiodonte (4).

PARADENCIO DE INSERÇÃO.

Neste animal o paradêncio de inserção está reduzido a cimento e osso. Apesar de num trabalho de simples morfologia, ser difícil diferenciar o osso que existe em função do dente neste tipo de animal, deve ser um osso diferenciado no sentido de suportar diretamente as forças que atuam sobre êle.

A união dá-se por anquilose isto é, diretamente entre cimento e osso. (Fig. 4 e 6). Esta união dá-se em linha curva, irregular, com a concavidade voltada em direção à raiz (Fig. 4).

POLPA.

A polpa comunica amplamente com o conjuntivo de canal ósseo, (Fig. 5) por onde penetram vasos e nervos, como no humano. Os odontoblastos diminuem de tamanho a medida que se aproximam da parte apical. (Fig. 2).

Na polpa vê-se células pigmentares (Fig. 7 e 8) em geral mais próximas do ápice. Estas células já foram descritas por Erausquin (1), em alguns peixes.

SYNOPSIS

Lizard teeth were studied in situ, in comparison with human ones. The Lysard is a polyphyodont animal and has ankylosed teeth.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ERAUSQUIN, J. — *Histologia dentária humana*. Buenos Aires, Progentral, 1953.
2. KRONFELD, R. — *Dental histology and comparative dentology and comparative dental anatomy*. Philadelphia, Lea & Febiger, 1943.
3. POWERS, M. M. — The staining of nerve fibers in teeth. *Journal of Dental Research*, Chicago, 31: 383-392, 1952.
4. WIDDOWSON, T. W. — *Special or dental anatomy and physiology and dental histology*. 8. ed. London, Mandeville, V. 1.



Fig. 1
Gengiva livre. Bolsa fisiológica.



Fig. 2
Os odontoblastos diminuem de tamanho a medida que se aproximam do ápice

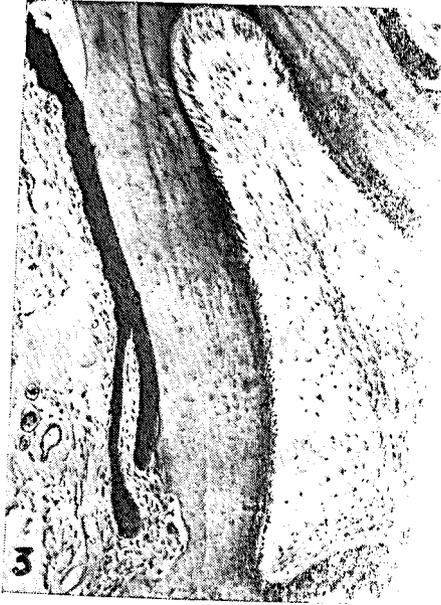


Fig. 3
Aderência epitelial (lingual) e lâmina dentária persistente. Início da formação do nicho para o dente de substituição.

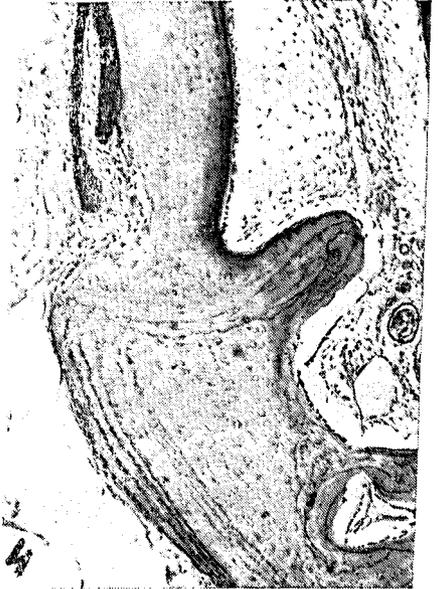


Fig. 4
Anquilose. Ver união cimento-osso.

Fig. 5
Foramem. União polpa-conjuntivo.
Na parte inferior: cartilagem



Fig. 6
Anquilose. Sup: dentina. Médio:
cimento. Inf: osso.



Fig. 7
Polpa. Células pigmentares.
Fig. 8

Fig. 8
Polpa. Células pigmentares.



Nota: As fotomicrografias têm um aumento aproximado de 100 diâmetros excepto as de número 6 e 8 que têm, aproximadamente 430 diâmetros.